

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal (Belém-PA) Class.: 104Data: 01.11.88 Pg.: _____

Levado da mata para Brasília, índio tem medo até de elevador

Brasília (AE) — Ele é provavelmente um dos onze remanescentes da tribo Avá Canoeira, vestindo saia e blusa e flechando porcos o índio apareceu há três semanas no pequeno povoado de Angical I, no oeste baiano, e foi resgatado pelo sertanista Sidney Possuelo, na última sexta-feira. Há três dias em Brasília, até agora ninguém sabe o seu nome, apenas que fala um tupi arcaico, e que realmente nunca teve um contato de perto com o chamado mundo civilizado. Avá, como está sendo chamado, enfrenta agora a dura realidade de adaptação numa cidade moderna, teme o elevador, aprende aos poucos que não deve cuspir no chão e nas janelas e só consegue fazer suas necessidades no cerrado.

Demonstrando a mesma desorientação, e despreparo do homem branco quando colocado diante do desafio de sobreviver na floresta, Avá aprende com dificuldade as regras da vida urbana. Possuelo preferiu hospedá-lo em seu apartamento, no bairro da Asa Norte de Brasília, receoso de deixá-lo na Casa do Índio mantida pela Funai. Foi feito um contato entre o índio e duas mulheres Ava Canoeiro, que vivem na região de Serra da Mesa, norte de Goiás. Mas os três não se entenderam, os índios falaram cada um em sua língua, mas só algumas palavras pareciam comuns.

Enquanto aguarda uma definição sobre o seu destino, Avá vai aos poucos conhecendo a capital do país. Já esteve no Jardim Zoológico, mas os únicos animais que chamaram a sua atenção foram o elefante e o hipopotamo — este último fez o índio rir a vontade quando saía da água escancarando a boca, ele também analisou séria e longamente o imenso crocodilo do Araguaia, preso junto com jacarés menores.

Possuelo admite que o contato com o branco é sempre "uma situação traumática para o índio", mesmo no caso de Avá, que há meses, ou até anos, deve ter perambulado pelo

norte goiano, evitando as fazendas e a estradas. Na semana passada, Avá parecia à vontade na casa da família de agricultores, onde ficou durante três semanas. Ele já corria pelo povoado com as crianças e já não exigia que o dono da casa provasse antes toda a comida que lhe era oferecida.

Colocado no carro do sertanista, no que viajou durante seis horas até Brasília, onde está fazendo exames médicos, Avá deixou claro a insegurança, olhando todo o tempo para o sol e a mata na tentativa de se orientar. Sidney chegou a temer que em alguma parada o índio fugisse, pois não havia como lhe explicar a viagem. Ainda na sexta-feira, Avá enfrentou as câmeras de televisão segurando o tempo todo a mão do sertanista. À noite, foi para o apartamento de Possuelo, e titubeou antes de enfrentar a subida do elevador.

Possuelo não se queixa da confusão em que se transformou o seu apartamento nos últimos três dias: comida pelo chão, o ritual do banho, que o próprio sertanista dá no estreito box e as saídas até o cerrado com o índio. Com sua mulher Beth e os dois filhos pequenos, Sidney quer resolver o enigma de Avá, que lembra o drama de Kaspar Hauser, um homem criado na mata, sem contato com seus semelhantes e depois levado para enfrentar a cidade. Filme de Werner Herzog.

Hoje ele segue para Goiânia, onde será feita uma nova tentativa de contato com dois homens Avá Canoeiros. Possuelo acredita que por serem menos tímidos que as mulheres, será mais fácil pesquisar e chegar a uma conclusão sobre sua etnia. "Se for mesmo um Avá — afirma ele — irá para Serra da Mesa. Caso contrário, voltarei a região de Angical, para pesquisas se há indícios de outros índios isolados nessa região".